

Nobel descarta desvio na política econômica

Visão do economista Gary Becker é compartilhada pelo maior investidor em papéis da dívida brasileira

PAULO SOTERO

Correspondente

WASHINGTON – O tom alarmado de algumas avaliações feitas por bancos de investimentos de Wall Street sobre o futuro próximo da economia brasileira deve continuar esta semana, diante da confirmação, pelas pesquisas de opinião, da ampla vantagem que o candidato do Partido dos Trabalhadores, Luiz Inácio Lula da Silva, leva sobre o senador José Serra, do PSDB, no segundo turno das eleições presidenciais. Mas a atitude mais serena que banqueiros e empresários brasileiros assumiram diante da mais que provável vitória de Lula no próximo dia 27, e o forte apoio que ele recebeu na classe média no primeiro turno, animam algumas vozes influentes nos Estados Unidos a apostar num cenário mais positivo.

O economista Gary Becker, professor da Universidade de Chicago que recebeu o Nobel em 1992, afirma em sua coluna na revista *BusinessWeek* desta semana, que, “se Lula ganhar, o livre mercado sobreviverá” no Brasil. “Muitos brasileiros de classe média passaram a apoiar Lula porque acreditam que ele assumirá uma linha pragmática, ao mesmo tempo em que tentará ajudar a resolver os problemas econômicos e sociais remanescentes.”

Um outro economista, Mohamed El-Erian, da Pimco Bonds, um ex-alto funcionário do Fundo Monetário Internacional (FMI) que não faz apenas análises, mas administra o maior fundo de investimentos internacionais em papéis brasileiros, disse ontem ao *Estado* que “continua a manter e a adicionar aos nossos ativos (brasileiros)” em meio à volatilidade, porque “sentimos que o mercado como um todo reconhecerá logo que está exagerando o risco de um ‘default’ no Brasil”.

Gary Becker aposta que Lula, no poder, passará por uma transformação política semelhante à que aconteceu

com Fernando Henrique Cardoso, “um ex-professor de esquerda”, ele lembra, que ajudou a desenvolver a teoria da dependência sobre a exploração dos países em desenvolvimento pelas economias capitalistas, mas, uma vez no governo, “seguiu políticas conservadoras orientadas para o mercado”. O economista acredita que as taxas de aceitação elevadas que o presidente brasileiro (incluindo os que consideram seu desempenho regular, bom e ótimo) indicam que a popularidade de Lula não representa uma rejeição à atual política econômica pró-mercado e que o líder petista acabará assumindo um caminho parecido ao do primeiro-ministro Tony Blair, que renovou e moderou o trabalhismo inglês.

Progressos – Por que, então, o candidato de Fernando Henrique não está se saindo melhor? “Parte da resposta é a crença (de muitos empresários e pessoas da classe média) que alguém à esquerda pode lidar com os principais problemas que o Brasil enfrenta sem jogar fora os progressos alcançados nos anos 90”, escreveu Becker. Para ele, duas áreas nas quais Lula poderá obter resultados é a flexibilização do mercado de trabalho, que vê como essencial para ajudar a reduzir o desemprego, e o combate ao crime.

“Durante sua campanha, Lula prometeu uma política de gastos governamentais cautelosa e comprometeu seu partido a manter as reformas orientadas para o mercado dos anos 90”, escreveu o professor de Chicago – berço intelectual do receituário econômico neoliberal. “Ele se comprometeu a não repudiar a grande dívida que o governo acumulou na presidência de Cardoso e a trabalhar com o FMI e outras instituições globais para restaurar a reputação do Brasil nos mercados

financeiros mundiais; é verdade que ele manifestou oposição à privatização de mais empresas estatais, mas não pediu a reestatização (das que foram privatizadas); ele também apoiou (a ideia de) trazer companhias privadas para administrar a maior parte do sistema de (abastecimento de) água.”

Para Becker, a dúvida é como Lula lidará com a dívida pública, que cresceu nos últimos anos de 30% para 60% do PIB. Apesar das garantias que o candidato do PT deu em contrário, “o medo de que Lula fará um ‘default’ explica o forte declínio dos preços das ações (de empresas brasileiras) e do real”, escreveu o economista.

Turbulência – El-Erian não acredita que o próximo governo dará um calote, mas disse que a volatilidade continuará por três razões principais. “A primeira e mais importante é a incerteza sobre a continuidade da política econômica depois das eleições. Os merca-

dos continuam a esperar uma reafirmação mais forte de seu compromisso declarado de continuar com a disciplina fiscal, honrar todos os contratos de dívida e trabalhar com o FMI.” O segundo fator é a forte

aversão do mercado global ao risco, que levou a uma retração dos bancos internacionais dos mercados de crédito. Nessa área, El-Erian assinalou que começaram, na semana passada, a surgir sinais de melhora. “Esses dois fatores obscureceram totalmente por ora um terceiro importante – a continuação de uma forte execução da política econômica e indícios de respostas endógenas favoráveis da economia”, evidenciados, segundo ele, pelos números do orçamento em setembro, as medidas que o Banco Central adotou na sexta-feira para estabilizar o câmbio e a melhora da posição do balanço de pagamentos.

A Pimco administra US\$ 270 bilhões em investimentos. El-Erian é responsável por um fundo de US\$ 7 bilhões aplicados em mercados emergentes – cerca de um quarto do total, no Brasil. Ele disse que, embora não preveja a continuação da volatilidade, ele confia que, com o tempo, esses dados positivos prevalecerão sobre o sentimento negativo do mercado, reforçados pela “firme disposição da comunidade financeira internacional de ajudar o Brasil, com a liberação de recursos, a continuar a executar políticas econômicas sólidas, e pela crença de que, não importante quem vença as eleições do dia 27, constará que é de seu interesse, e do interesse do Brasil, continuar a manter políticas econômicas e financeiras responsáveis, consistentes com o desejo do povo brasileiro por estabilidade e crescimento econômico sustentado”.

Muitos brasileiros de classe média apóiam Lula porque acreditam que ele assumirá uma linha pragmática

Gary Becker, professor da Universidade de Chicago